

EDUCAÇÃO DO CAMPO, ENSINO DE HISTÓRIA, IMAGENS. CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS A PARTIR DE DADOS DE UMA EXPERIÊNCIA

EDUCACIÓN RURAL, ENSEÑANZA DE LA HISTORIA, IMÁGENES. POSIBLES
CONTRIBUCIONES BASADAS EN DATOS DE UNA EXPERIENCIA.

RURAL EDUCATION, HISTORY TEACHING, IMAGES. POSSIBLE CONTRIBUTIONS
FROM AN EXPERIMENT.

Paulo Augusto Tamanini, Ana Meyre de Moraes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Correspondencia: Paulo Augusto Tamanini
Correo: professor@tamanini.com.br
Recibido: 05/04/2020 Aceptado: 25/02/2021
DOI: 10.17398/0213-9529.40.2.155

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o uso didático das imagens para o Ensino de História no contexto da Educação do Campo. Metodologicamente, faremos uso de três imagens fotográficas, Engenho de carne-seca, do artista Jean Baptiste Debret, Dia a dia de um agricultor familiar caipira, do fotógrafo Cezar Diniz e Crianças em escola indígena, do fotógrafo Renato Soares. O critério da escolha das imagens se deu em razão delas representarem contextos rurais, em que alunos se identificam. No primeiro momento trataremos de refletir sobre a capacidade da imagem de ensinar ou dizer sobre as realidades rurais, no intuito de compreender que as fontes imagéticas se apropriam dos contextos de vida dos docentes e discentes tornando-as parte de um ambiente escolar. Já no segundo momento, abordamos propriamente a vida no campo e suas representações. Por último, tratamos da Educação do Campo como uma proposta de ensino mais próxima do cenário rural, mostrando seus desafios, persistências, resistências, superações e esperança. No que diz respeito à fundamentação teórica, servimo-nos dos estudos de Fonseca (2009), Caldart (2002), Mauad (1996, 2004); Molina (2006), Wunder (2006), Ribeiro (2009), Vargas (2014). No primeiro momento, tratamos da imagem como ferramenta de ensino interdisciplinar, aliando e aproximando saberes da área da economia, geografia, antropologia, ensino, pedagogia e História. Na segunda parte, abordamos a vida no campo e as formas de representação a partir de imagens do cotidiano rural e escolar. E por último, tratamos da Educação do Campo em movimento, abordando sobre o cenário educacional rural com seus desafios, tão repleto de persistências, resistências, superações e esperança. Por fim, o resultado da atividade sobre leitura de imagens demonstrou que as imagens oferecem novas interpretações dos conteúdos na área de História..

Palavras-chave: Ensino de História. Educação no campo.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el uso didáctico de la imagen para la enseñanza de la historia en el contexto de la educación rural. Metodológicamente, haremos uso de tres imágenes fotográficas, Engenho de carne-seca, del artista Jean Baptiste Debret, Día a día de una familia campesina rústica, del fotógrafo Cezar Diniz y Niños en una escuela indígena, del fotógrafo Renato Soares. El criterio para elegir las imágenes se debió a que representan contextos rurales, en los que los estudiantes se identifican. En un primer momento, intentaremos reflexionar sobre la capacidad de la imagen para enseñar o decir sobre las realidades rurales, con el fin de entender que las fuentes del imaginario se apropian de los contextos de vida de docentes y alumnos haciéndolos parte de un entorno escolar. En un segundo momento, abordamos la vida en el país y sus representaciones. Finalmente, tratamos la Educación Rural como una propuesta didáctica más cercana al escenario rural, mostrando sus desafíos, perseverancia, resistencia, superación y esperanza. En cuanto al fundamento teórico, utilizamos los estudios de Fonseca (2009), Caldart (2002), Mauad (1996, 2004); Molina (2006), Wunder (2006), Ribeiro (2009), Vargas (2014). En un primer momento, nos ocupamos de la imagen como herramienta didáctica interdisciplinar, combinando y aglutinando conocimientos en el área de la economía, la geografía, la antropología, la docencia, la pedagogía y la historia. En la segunda parte, abordamos la vida en el campo y las formas de representación a partir de imágenes de la vida cotidiana rural y escolar. Y, por último, nos ocupamos de la Educación Rural en movimiento, abordando el escenario educativo rural con sus desafíos, tan llenos de persistencia, resistencia, superación y esperanza. Finalmente, el resultado de la actividad sobre lectura de imágenes demostró que las imágenes ofrecen nuevas interpretaciones de los contenidos en el área de Historia.

Palabras Clave: Imagen. Enseñanza de historia. Educación rural.

ABSTRACT

This study aims to analyze the didactic use of images for teaching history in the context of rural education. Methodologically, we will make use of three photographic images, Engenho de carne-seca, by artist Jean Baptiste Debret, Day by day of a rustic family farmer, by photographer Cezar Diniz and Children in an indigenous school, by photographer Renato Soares. The criterion for choosing the images was due to the fact that they represent rural contexts, in which students identify themselves. In the first moment, we will try to reflect on the image's ability to teach or say about rural realities, in order to understand that the imagery sources appropriate the contexts of life of teachers and students making them part of a school environment. In the second moment, we approached life in the country and its representations. Finally, we treat Rural Education as a teaching proposal closer to the rural scenario, showing its challenges, persistence, resistance, overcoming and hope. With regard to the theoretical foundation, we use the studies of Fonseca (2009), Caldart (2002), Mauad (1996, 2004); Molina (2006), Wunder (2006), Ribeiro (2009), Vargas (2014). In the first moment, we deal with the image as an interdisciplinary teaching tool, combining and bringing together knowledge in the area of economics, geography, anthropology, teaching, pedagogy and history. In the second part, we approach life in the countryside and forms of representation based on images of rural and school daily life. And lastly, we deal with Rural Education on the move, addressing the rural educational scenario with its challenges, so full of persistence, resistance, overcoming and hope. Finally, the result of the activity on image reading demonstrated that the images offer new interpretations of the contents in the area of History.

Keywords: Discursive Textual Analysis; Analysis Methodology; Qualitative Research.

Conflicto de intereses / Conflicts of Interest: Los autores no declaran conflicto de intereses.

Sección / Section: Artículos originales

Editor de Sección / Edited by: Guadalupe de la Maya Retamar

INTRODUÇÃO

A renovação das práticas de ensino de História não é algo recente e seu aperfeiçoamento tem ocorrido com estratégias diversas que podem ser aplicadas em muitos contextos escolares. Em seu processo de ensino e aprendizagem houve a incorporação e diversificação de fontes e linguagens que por sua vez provocaram consideradas mudanças nas pesquisas de cunho historiográfico, e porque não dizer também, na própria formação de inúmeros professores, os quais podem incorporar saberes múltiplos ao utilizarem-se de variadas fontes no processo pedagógico.

A incorporação desses saberes dialoga com o entrelaçamento das vivências de professores e alunos, com o mundo fora da escola, além de tantos outros espaços sociais. Ao longo de toda a vida, a formação humana, submetida a um processo de desenvolvimento em andamento, deve ser encarado como desafios a serem superados, vencidos. E, um destes desafios é a procura pelo aperfeiçoamento, pela constante capacitação profissional.

Na sala de aula, as práticas didáticas que contribuem para a melhoria do ensino, tem se mostrado renovadas, o que amplia o êxito de resultados. O uso de imagens para a renovação do ensino em sala de aula, por exemplo, favorece que os alunos tenham mais interesse no conteúdo, que redescubram técnicas de memória para guardar o que se ensina, que se sintam aptos a interagir e construir conhecimentos. Da mesma forma, descobrem como as imagens podem ser expressivas levando-os a novos saberes, a alargar visões de mundos ou ampliar o olhar sobre determinado contexto.

Nesse sentido, como muitos são os contextos existentes, importa aqui cercar-se das realidades rurais, daquelas que ficam à margem, na periferia, mas onde também a construto histórico se faz pelo detalhe das experiências e dos relatos de memória. Experiências muitas vezes representadas pelas figuras, pelos desenhos, pelas ilustrações e narrativas que merecem ser arguidas. Lamentável que memórias de muitos professores, alunos, comunidades são desprezadas, quando se poderiam recuperar, refletir e contextualizá-las. Ao cruzar o passado com o presente, oportunizar-se-ia uma discussão proveitosa sobre a própria realidade, privilegiando uma melhor compreensão de mundo, além de desenvolver o olhar crítico sobre tal realidade.

Isto posto, este trabalho, metodologicamente parte da análise de três imagens: *Engenho de carne-seca*, do artista Jean Baptiste Debret, *Dia a dia de um agricultor familiar caipira*, do fotógrafo Cezar Diniz e *Crianças em escola indígena*, do fotógrafo Renato Soares. Tem como o objetivo discutir o uso didático das imagens no ensino de História na Educação do Campo. O critério da escolha das imagens se deu em razão delas representarem contextos rurais, em que alunos se identificam. No primeiro momento tratamos da capacidade da imagem de ensinar ou dizer sobre as realidades rurais, no intuito de compreender que as fontes imagéticas se apropriam dos contextos de vida dos docentes e discentes tornando-as parte de um ambiente escolar. Já no segundo momento, abordamos propriamente a vida no campo e suas representações. Por último, tratamos da Educação do Campo como uma proposta de ensino mais próxima do cenário rural, mostrando seus desafios, persistências, resistências, superações e esperança. Como atividade de leitura de imagens, apresentamos as imagens escolhidas a três professoras residentes em comunidades rurais, para a construção de um relato, após o efetivo exercício do olhar.

IMAGENS CONTAM HISTÓRIAS

Diante das inúmeras atividades que se apresentam cotidianamente, fazer História talvez seja o melhor termo a ser usado para se dizer das ações que todos nós desenvolvemos, no cotidiano. A História, como disciplina de ensino e de pesquisa, tem contribuído na tarefa de facilitar a compreensão da experiência da existência do homem e da mulher no decurso do tempo. Essas experiências resultam das muitas ações desenvolvidas e que chegaram até o momento presente através dos vestígios deixados e que se tornaram fontes de pesquisa. Dentre essas fontes as imagéticas estão cada vez mais ganhando credibilidade acadêmica, atraindo mais e mais investigadores interessados em compreender o poder da visualidade para se estudar os rastros humanos. As muitas pinturas, fotografias, ilustrações impressas ou presentes em plataformas virtuais disponíveis registraram momentos da vida humana em sociedade e que expressam situações vivenciadas, ideias fazendo com que várias compreensões sejam despertadas. Segundo Paiva (2006, p. 21-22):

As diferentes compreensões que cada momento histórico produz das imagens são capazes de alterar versões historiográficas já existentes. Esse momento é inevitável e é, também, vital, pois é um movimento da própria história, que não é em nada pronta, fixa e imutável.

Estudos recentes sobre imagem demonstram como a utilização de imagens como fonte de pesquisa e ensino é promissora porque materializa momentos da vida humana em sociedade, ou pelo menos como parte dela. Disseminadas em vários modos, em quantidade e diversidade, a vida no campo também possui registros imagéticos que contam histórias sobre um processo de desenvolvimento do Brasil e que precisam ser estudadas em sala de aula.

A identidade sociocultural do povo brasileiro encontra-se em formação. A educação não só contribui para isso, como também leva o país a ter consciência de si, sabedor de sua própria historicidade. Com crises econômicas e sociais instaladas no mundo, a pobreza encontrou lugar em muitos lares dos brasileiros. Em face a esses e tantos outros problemas existentes, como via de solução, a educação seria o despertar de uma consciência responsiva das realidades que compõe certa brasilidade. E a imagem, do ponto de vista funcional, cognitivo e semiótico contribui pedagogicamente para se despertar um olhar mais ajustado, crítico da vida cotidiana de cada um, mas também do conjunto. Fonseca (2009, p. 7) pontua que:

A História é um campo de possibilidades, nos ajuda a compreender o mundo e a nós mesmos. O conhecimento histórico não está pronto, acabado, não é verdade absoluta, mas construção temporal, parcial, seletiva, incompleta, que possibilita múltiplas leituras e interpretações. Logo, alunos e professores participam de trabalho de leitura e escrita, investigação e crítica. São também construtores de conhecimentos.

Nesse sentido, as imagens podem não só favorecer o ensino de História, como também propõe ampliar a consciência social e crítica do aluno que reside no campo. Como mostra a imagem a seguir:

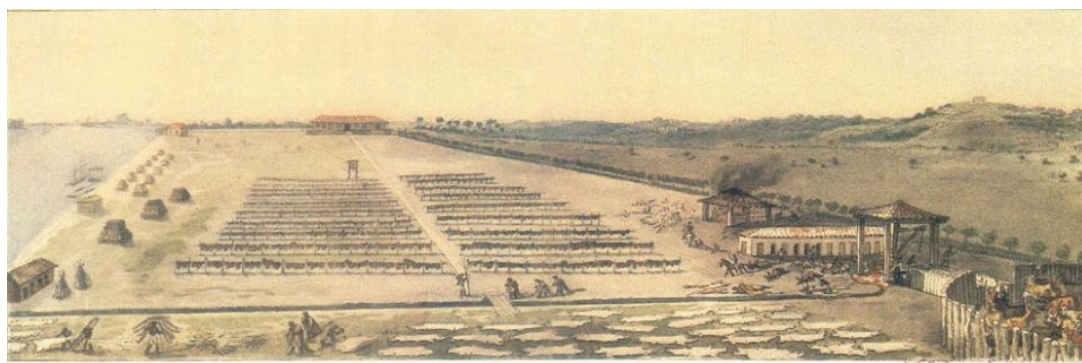


Figura 1: Engenho de carne-seca

Fonte: Dias et al (2018, p. 188).

Como um documento, uma fonte e parte de uma história sempre viva, pronta para se presentificar, a imagem faz ressurgir aspectos da vida cotidiana no campo. Detalhes, sutilezas, contexto de um período histórico, para além de informar o conteúdo visual, convida o aluno espectador para um movimento ou mudança cronológica de sedução. Na imagem acima, os elementos que formam o todo visual palpitam vestígios sobre um determinado modo de viver, um lugar geográfico e o cenário em que vidas deixaram-se registrar. Observamos para além de uma área rural, uma velha fazenda com seus prédios coloniais e trabalhadores em atividades típicas da agricultura, um campo da tessitura da História. O corte temático, retratado numa aquarela datada do século XIX pelo artista Jean Baptiste Debret, serve também de conteúdo de ensino e não apenas uma peça de arte a ser contemplada. A imagem se mostra apropriada e pronta para provocar debates em sala de aula, onde perguntas nascem, onde questões ganham vida, onde curiosidades são colocadas à luz. Perguntas que motivam respostas e troca de saberes sobre os acontecimentos do campo, sobre a identificação do povo do campo, sobre o reconhecimento dos ambientes, sobre a representação e reconstrução de algo que pode ter acontecido ou não. Logo, trata-se de uma imagem que provoca, instiga e ensina. Uma vez trazida para a sala de aula e feita a contextualização, um novo estímulo pode ser evidenciado e a competência analítica de cada aluno começa então a ser desenvolvido, aproximando a turma com as temáticas de História. Logo, “percebemos que as imagens são uma forma de expressão, um meio para dialogar com um mundo em plena transformação” (MORAIS e TAMANINI, 2020, p. 15).

Como já frisado, a imagem *Engenho de carne-seca* apresenta em sua composição visual informações sobre a agropecuária no Brasil. Notamos a possibilidade de se ensinar interdisciplinarmente, aliando e aproximando saberes da área da economia, geografia, antropologia, ensino, pedagogia e História. Na região Sul do país, como localidade produtora de couro e charque (carne-seca), nas fazendas criadoras de gado, ao longo do século XIX, foram os basilares produtos de exportação. Vargas (2014) em um ensaio publicado sobre a inserção da charque produzida na região de Pelotas (RS), aponta que a carne-seca era alimento constantemente presente nas fazendas produtoras de açúcar e café das regiões litorâneas do Brasil. Ao historicizar a inserção desse tipo de carne nas fazendas, destaca a acirrada concorrência existente na época com outros produtos de outros países, como também sobre as guerras desencadeadas na região da fronteira Sul que causaram instabilidade na comercialização desse componente alimentar.

Ainda de acordo com Vargas (2014, p. 543), essa mercadoria era alimento de preço acessível e ao mesmo tempo possibilitava aos senhores de engenho um razoável abatimento nos custos de manutenção da propriedade, já que os dispêndios com as refeições dos escravizados chegavam a cifras elevadas. Na conjuntura do mundo dos negócios, a produção do charque foi vista como uma oportunidade de obtenção de lucros e um modo de movimentar a economia colonial.

Portanto, a imagem pode trazer para o ambiente escolar uma série de fatores e informações como trabalho, produção, criação, escravização, plantação, comercialização de produtos alimentícios. De igual modo, suscita troca de ideias acerca das histórias de vidas, da cotidianidade, das disputas entre famílias. Pedagogicamente, o professor e os alunos não podem entender uma imagem como uma simples ilustração de um livro didático. Mais que isso, a imagem é uma fonte de informação, um meio de partilha, uma oportunidade de lustrar-se em novas conhecimentos.

Para tanto, é preciso formar professores para a correta leitura de imagens. As fontes visuais, as fontes imagéticas, as ilustrações e fotografias, por exemplo, devem ser lidas para além da estética ou da beleza artística; só assim, novos significados podem ser adquiridos, novas respostas podem ser apresentadas. Pequenos detalhes da imagem do *Engenho de carne seca* podem representar pontos de considerada relevância contribuindo para que aspectos camuflados sejam revelados, como é o caso por exemplo, da violência existente no contexto da época. “É relevante dizer que as imagens criadas pelos seres humanos nem sempre representaram atos pacíficos” (MORAIS e TAMANINI, 2020, p. 20) E que a vida no campo, nas fazendas, não representa somente lugar de descanso de férias ou lugar onde se pode comer e beber comidas típicas. No Brasil colonial, o meio rural e as grandes fazendas eram também lugar de disputas, brigas, provações, escravizações, mortes e desesperos. Cenário onde se exercia o poder absoluto do senhor de engenho. Escravos, servos, capitães do mato etc. cumpriam horas de trabalho forçado em longas jornadas de trabalho. Trazendo essas informações, uma outra provocação pode nascer: tipos de trabalhos como no do Brasil Colonial terão sido modificados? Quais? Quais as formas de trabalhos forçados em que muitos brasileiros, no momento presente, se submetem? Portanto, outra vez, para o Ensino, uma imagem não é apenas uma ilustração; é material rico que oportuniza questionar, perguntar e aprender construindo e reconstruindo saberes.

ENSINO QUE NASCE DE UM OLHAR ATENTO PARA AS FOTOGRAFIAS

Observar uma imagem é com ela estabelecer um diálogo (KUBRUSLY, 1991); é uma oportunidade não só para entender as ideias que nela estão expressas, mas também ocasião de permitir o treino do olhar (BURKE, 2004). Ao compreender a imagem como fonte de ensino e de pesquisa na área de História, em que memórias, culturas, tempos diversos são presentificados, a imagem ganha sentido porque alguém lhe confere, quando está sendo visualizada. Não basta que a imagem seja vista apenas de modo superficial, porque no enquadramento apenas uma parte dela ganha relevância e sentido. Mas, outras partes, outros recortes existem e devem ser observados no conjunto da obra, no todo enunciado, na totalidade da arte visual. Toda imagem e também aquelas que apresentam contextos rurais não são apenas ideias expressas para tão somente informar como vivem ou viveram a população do campo. Elas escondem ou melhor dizendo, elas trazem à vida elementos compostos que fazem parte de um cotidiano nem sempre lembrado. Vejamos a imagem abaixo:



Figura 2 – Dia a dia de um agricultor familiar caipira¹

Fonte: Brait Júnior et al (2014, p. 146).

Se no fim do período do Brasil Colonial, o país teve sua economia pautada no cultivo da cana-de-açúcar, foi também nesse tempo que o valor da terra ganhava importância social: quanto mais terra um fazendeiro tinha, mais era considerado social e economicamente perante os outros. Posteriormente, o café substituiria o que um dia fora a cana-de-açúcar. O cultivo da cana ou do café foram atividades desenvolvidas no campo por brasileiros e imigrantes. Dessa época, não somente textos escritos se referem. Ilustrações, desenhos, figuras etc. ao seu modo, procuram reconstituir o Brasil Rural em cores e traços, em fórmulas e aspectos, frutos de uma representação visual. O dia a dia nas fazendas, os trabalhos pesados nas colônias, a vida regrada pelas horas são as temáticas em que artistas e desenhistas se debruçaram para narrar esse tempo. Não escapam os conflitos, os desentendimentos, as revoltas, as insurreições, as fugas dos escravizados, o recomeço em seus quilombos etc.

Dia a dia de um agricultor familiar caipira mostra um tipo de realidade rural. A fotografia capturada pela câmera de Cezar Diniz enquadrava no primeiro plano a lida cotidiana de um agricultor, morador do interior em um de seus afazeres. Um trabalhador do campo com chapéu de palha, vestes simples, de botas, que tem em suas mãos uma enxada. Ao fundo, o recorte de uma casa, numa área de vegetação terciária. Elementos de composição que representam uma ideia do homem rural. O que aparentemente, pouco informa, aos olhos de um professor capacitado para ensinar com imagens, torna-se material profícuo de saberes. Nesta fotografia não se fala sobre o passado, mas sobre a vida presente de um camponês que continua a retirar da terra o seu sustento. Embora não retrate o passado, serve como chamariz para debater as formas de trabalho contemporâneo e que têm suas raízes no Brasil Colonial. O professor de história também pode abordar como os trabalhadores do campo continuam, em sua maioria, sem propriedade, sem o direito de se ter um pedaço de chão para ali retirar os produtos de sua subsistência. Sem serem donos de terras e de ferramentas de trabalho, foram vistos como pessoas destituídas de direitos e sua imagem construída como pessoa empobrecida, sem educação formal.

No livro “*Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história (2009)*”, os organizadores Márcia Motta e Paulo Zarth, descrevem o universo rural brasileiro em um misto de memória e de esquecimento, onde o destino de homens, mulheres e

crianças foi considerado por muitos sem qualquer importância social. Os pesquisadores reuniram histórias de lutas pela propriedade, alertando que a História está repleta de casos em que a terra também está ligada aos conflitos, aos embates, às disputas entre forças desiguais. De um lado os donos de propriedades imensas, detentores do poder de mando e do outro, os menos favorecidos, os que nada possuíam, exceto, sua força de luta e sua capacidade de resistência. Mesmo na sua simplicidade e em meio a tantas dificuldades, o homem do campo soube elaborar formas para resistir a inúmeras situações adversas.

Ribeiro (2009, p. 53) tratando dos processos de resistência dos camponeses, especificamente no período da era do governo Getúlio Vargas, na República Velha, informa que trabalhadores da terra, mesmo já tendo participado de movimentos de luta e resistência, continuavam tutelados pelos proprietários rurais, após as reivindicações. O autor traz a informação que os camponeses enviaram cartas ao Presidente da República Getúlio Vargas reivindicando o direito à terra, solicitando ferramentas de trabalho e clamando por justiça. Embora, o homem do campo sem uma educação escolar não se intimidou e buscou atuar numa perspectiva para fazer valer aquilo que era de seu interesse. Colocou na Carta seus sofrimentos, suas angústias, como forma de luta pelo direito à terra. Trechos das cartas mostram o porquê de o agricultor, no momento presente, acima na Figura 2, com idade avançada, ainda necessita trabalhar de forma tão pesada. A obra de Ribeiro reflete historicamente, como as imagens quando tomadas por fontes resgatam a multiplicidade das muitas realidades do espaço rural ligadas ao trabalho da terra. Ribeiro (2009, p. 70) acrescenta que:

Nas cartas, duas ideias estão bem demarcadas. De um lado, a noção de justiça: o roceiro procura mostrar que seu pedido era justo e por isso devia ser atendido. O justo deveria, se necessário, sobrepor-se ao legal, reforçando-se assim a ideia do presidente misericordioso, que tudo faria para resolver um problema de um mero trabalhador da gleba, que lhe enviara uma simples carta.

Observamos que a Figura 2 não é apenas uma fotografia de um mero agricultor em sua lida cotidiana. Ela pode ser o estopim de uma reflexão acerca das condições de trabalho do homem do campo e dos rastros de historicidade que ajudam a entender o momento presente. A Figura 2 evidencia que toda imagem é carregada de informações, saberes e dizeres que quando expostas à luz, auxiliam os alunos a construir conhecimento.

Observemos outra imagem:



Figura 3: Crianças em escola indígena²
Fonte: Brait Júnior et al (2014, p.46).

Na contemporaneidade, observamos que muitas pessoas apenas veem as imagens, mas não as enxergam. E, por consequência, as possibilidades de reflexão com mais profundidade sobre seus conteúdos tornam-se menos frequentes. O que implica dizer que a superficialidade do olhar impede a hermenêutica e leitura de imagem de forma mais adensada (MAUAD, 1996). A Figura 3, por exemplo, retrata um contexto escolar do meio rural que se materializa por meio da fotografia. A fotografia é uma forma de tradução visual mais próxima da realidade. Ela não inventa; ela mostra, escancara, denuncia e torna visível o que ilustrações, desenhos etc. podem ocultar. Analisando detalhadamente cada elemento da cena observamos na Figura 3, nos deparamos não somente com o cenário real, mas com personagens reais: professores, alunos ambientados em um espaço carente de recursos. A simplicidade do lugar direciona o olhar para um lugar, palco da tessitura da vida do campo e do processo educacional da realidade rural, onde alunos e professores exercitam a Educação, apesar das fragilidades e dificuldades econômicas.

Embora a fotografia mostre a realidade escolar do campo, há outras maneiras de compreender esta imagem. “*Que outros jeitos de ver moram em nossos olhos?*” Pergunta Wunder (2006, p.1) no início de uma abordagem de sua obra *Sobre Fotografias como exercício de olhar*. O autor discorre sobre jeitos ou maneiras de ‘ver’ que residem em nossos olhos. Ou seja, existe possibilidades de se ler as figuras historicamente, existe didaticamente maneiras de se ampliar os sentidos advindos da fotografia em prol de um ensino mais acostado da vida cotidiana dos alunos. Essas novas possibilidades muito dizem sobre olhares direcionados para aquilo que para os alunos lhes são comum, e que a fotografia ajuda a reconhecer.

A linguagem fotográfica gera em nós uma dupla sensação ao nos colocar a frente de algo que, ao mesmo tempo, está e não está ligado ao que chamamos de realidade. Uma fotografia é um pacote de informação na medida em que nos fornece dados sobre os lugares, as pessoas, as épocas e os acontecimentos. É neste sentido que ela ganha um grande valor como registro histórico e, mais radicalmente, como documento de comprovação dos fatos. (WUNDER, 2006, p. 2).

Em uma tentativa impaciente, a pressa pode não favorecer alunos e professores a fazer leituras mais detalhadas. Parece ser uma prática comum, observar uma imagem e tão logo procurarmos fazer aproximações, buscar minúcias, no desejo de torná-la conhecida. E essa aproximação é válida se da imagem o uso for feito, somado a contribuição subjetiva da interpretação, o que nos faz pensar sobre como a História pode ser construída, escrita, lida, ensinada e transmitida. A Figura 3 para além de mostrar o ambiente precário de muitas das escolas rurais no interior do Brasil, mostra também crianças, meninos e meninas aprendendo com um professor. Ao fundo, um quadro de giz onde uma ilustração se faz presente. Outra vez, uma fotografia testemunha que as imagens estão presentes no sistema de ensino-aprendizagem brasileiro, independentemente do lugar e condições sociais das escolas. Imagens prontas ou desenhadas se presentificam na realidade das escolas rurais como um modo de facilitar a aprendizagem. A Figura 3, faz uma proposta para se pensar o ensino como um articulador de uso daquilo que se tem. Professor, alunos, escola, carteiras, quadro de giz, papel se rendem à criatividade didática daquele que se sente inclinado a ensinar e fazer uso dos meios disponíveis de maneira acertada. Neste sentido, a fotografia é testemunhal, é objeto de prova, é registro de que o historiador-pesquisador se serve para construir conhecimentos de suas próprias profissões.

Não é recente a aplicabilidade das fotografias como recurso didático para o ensino de História em que se refletem sobre as técnicas e metodologias de trabalho com fontes

fotográficas. As fotografias quase que espelham um recorte especial da realidade cujos conteúdos visuais transformam-se em materialidade educacional. A este respeito Kossoy (2001, p. 32) afirma que “as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta sobre metodologias adequadas à pesquisa e à análise para decifração de seus conteúdos, e por consequência, da realidade que os originou.”

Fonseca (2009, p. 49) aponta sobre como o conhecimento histórico é produzido:

O historiador investiga, faz um levantamento das fontes históricas, analisa-as, dialoga com as teorias e com outros conhecimentos produzidos e escreve a história. É por meio dos diversos registros das ações humanas, dos documentos, dos monumentos, dos depoimentos de pessoas, de fotografias, objetos e roupas, que obtemos informações, dados e evidências sobre o real vivido por homens e mulheres nos diversos tempos e espaços. Não apenas no passado distante, como alguns acreditam: todos os registros e evidências das ações humanas são fontes de estudo da História.

Aos interessados na temática dos profissionais da educação rural, as fotografias podem servir como importante fonte de informações que auxiliarão na *gênesis* de outros conhecimentos. Saberes que se mesclam num processo de evidenciar as experiências de ensino no Brasil. Como ferramenta pedagógica que contribui e fortalece o Ensino de História, consciências críticas podem ser afloradas, pois a sua forma de ensinar História possui estratégias que estabelecem relação com a formação cidadã. Ao lidar com o social, outras questões como, a cultura, o tempo, o espaço se juntam e para dar visibilidade ao ofício de ensinar nos diversos recantos do país.

A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM MOVIMENTO

Traduzida como uma modalidade de educação que acontece também em espaços rurais, a Educação do Campo possui sua dinamicidade e forte ligação com as pessoas que residem e trabalham com a terra e com o meio ambiente. Nestes espaços de trabalho e de vivências, atividades produtivas são desenvolvidas, tais como agricultura, pecuária, extrativismo, coletas de sementes e pesca etc.. Nesses espaços, não só o trabalho interessa ao historiador, mas também as pessoas que trazem em suas bagagens o testemunho de vida e de resistência. Vidas que presentificam e que ofertam os saberes e os conhecimentos específicos de cada ofício em uma simbiose. Dada a importância dos locais, seja da agricultura, da pecuária, do assento de quilombolas e outros, as características regionais, os modos de se viver em grupos e de manutenção da cultura tornam-se elementos de estudos para os interessados. Graças ao interesse de muitos pesquisadores, a Educação do Campo, no Brasil, tem conquistado espaços e desenvolvido estratégias pertinentes para alcançar objetivos nas lutas pela efetivação do direito à educação.

Nas localidades rurais, nos espaços de pesca e de coleta de mariscos ou na cata de produtos e outras sementes e frutos a Educação do Campo de sedimenta apesar dos desafios, resistências por parte do Governo Federal. Ainda que muitos queiram que a Educação do Campo seja silenciada ainda há a esperança de continuidade.

Caldart (2002, p. 18), em seus estudos faz uma reflexão sobre a identidade dos que se unem na luta pela defesa e continuidade da Educação do Campo. Faz uma busca tentando responder a algumas questões sobre quem são os defensores que se dispõem a esboçar novas habilidades e sentidos para a efetiva Educação inclusiva.

No Brasil, a educação no meio rural ainda se encontra em processo de desenvolvimento. Mesmo com algumas políticas educacionais já efetivadas, muitas são as limitações impostas aos professores, alunos e demais funcionários que residem nas áreas rurais do país. Sem que as

dificuldades sejam amenizadas, a cada dia um desafio se apresenta. Enfrentando cotidianamente um processo exaustivo, a trajetória percorrida para se poder chegar até a escola, por exemplo, envolve distâncias quilométricas para ir em busca do conhecimento. Os meios de transporte, a falta de infraestrutura das escolas e tantos outros problemas que ainda se fazem presentes no processo educacional de crianças e adolescentes, nos levam a refletir sobre a importância de se discutir sobre a História da Educação do Campo, com suas práticas didáticas e metodologias de ensino inovadoras. Dentre as metodologias de ensino, o uso de imagens tem se mostrado eficiente e promissora, conquistando novos adeptos.

Caldart (2002, p. 18) explica que:

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento *Por Uma Educação do Campo* é a luta do povo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. *No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

Entendemos que a continuidade da Educação do Campo passa pelo interesse político, pela distribuição de recursos econômicos, pela divulgação da cultura das populações camponesas. São histórias de vida, são experiências que podem ser aproveitadas como saberes e que fazem suscitar interesse no espaço rural e na educação. As inquietações, mormente, nos levam a pensar sobre as experiências de educação popular de agricultores e trabalhadores da terra ligadas com as pesquisas e o ensino.

Molina (2006, p. 10) ao se pronunciar sobre a temática da Educação do Campo, pontua que uma das características definidas seria a inseparabilidade do ensino dado em seus contextos de vivências. A qualidade própria do modelo de Educação do Campo é resultante da firme associação e necessidade de se aproveitar o ambiente para uma aprendizagem mais próxima.

Neste sentido, Fonseca (2006, p. 50) diz que: “[...] o passado é reconstruído com os olhos do presente, e há diferentes modos de interpretar a história do conhecimento”. A construção da história se dá no viver da vida real, sua natureza é de caráter social. Pelo fato de homens e mulheres estarem envolvidos, é de suma importância que histórias vividas possam ser transformadas em um novo conhecimento que possa ser trabalhado no âmbito escolar rural.

Prontas para dialogar, as imagens mostram ações cotidianas feitas em um determinado marco cronológico, mas que permanecem vivas e interagem com o presente. Como nos mostra os escritos das professoras no momento de diálogo com as imagens 2 e 3. A professora Arlinda (2020) expressou a seguinte ideia:

Essa imagem me trouxe na memória
Um pouco da minha história.
Criança pequena a observar
Meu pai no roçado a capinar
Plantando sementes de milho e feijão
Para a fome da nossa família matar.
Olhando essa imagem
Sinto até emoção
Sinto orgulho do meu pai
Que em meio as dificuldades
Sempre foi bravo trabalhador
Cuidou da nossa família com muito amor e dedicação
Era analfabeto, mas aos filhos deu boa educação.
Obrigada meu pai

Campe Abierto, v. 40, n. 2, p. 155-170, 2021

Por nossa família ter lutado
Chegou a hora de numa cadeira de balanço se sentar
Aqui mesmo na varanda
E nos contar o segredo para se ter uma família unida e feliz
Em meio a tantas dificuldades!

Percebe-se que o elemento principal posicionado no centro da imagem foi o que mais a afetou. Ao se expressar, as lembranças que traz na memória foram acionadas sendo escritas numa linguagem um tanto poética. Ela não se deteve em querer descrever os elementos presentes na imagem. Mas a lembrança provocada pela figura do agricultor capinando estabeleceu relação direta com a sua vida, provocando até mesmo sensações de emoções. Mesmo apresentando situações de sofrimento, como a fome, ela se agarra a figura do pai, como homem forte, trabalhador e protetor. O que no final acredita ela existir um segredo para ultrapassar tantas barreiras impostas, mesmo sendo ele analfabeto. Essa é uma das tantas histórias protagonizadas que desafia o professor/historiador. Essa emoção sentida, esse viver esperançoso não estava prontamente na imagem fotográfica, prestes a serem revelados, mas a espera de algo que os provocasse, nesse caso, a imagem.

Já a professora Marieta (2020) ao descrever a forma como estava a interagir com a mesma imagem, deixou-se ser afetada também pelo elemento principal da imagem, o homem do campo: “[...] vejo um homem do campo, humilde trabalhando no cultivo da terra. Lembrei-me muito da minha infância. Meu pai tinha que ir trabalhar duro para nos sustentar [...]”. Enquanto que a professora Leonilde (2020) se deteve a tentar explicar a imagem: “Nesta imagem tem um homem que está cultivando, dá a entender que a casa fica na roça. Com uma enxada na mão [...]”.

As ideias expressas pelas professoras mediante um momento de diálogo com as imagens ao qual deixaram-se envolver pelos seus elementos, veio revelar parte de sua vivência na área rural. Ao observarem a imagem 3, experiências de vida foram suscitadas de modo a remetê-las a uma breve reflexão. Ao fazerem a comparação do passado com o presente afirmam que pouca coisa mudou e o sofrimentos da época de outrora continuam a existir. “[...] é quase a mesma coisa de tempos atrás, [...] tenho muitas dificuldades e uma delas é ter que ir trabalhar com a cara e a coragem. ”, diz a professora Marieta (2020), fazendo referência a falta de infraestrutura física da escola em que trabalha e a falta de material e merenda de qualidade para as crianças. Mas a forma como cada um de nós lidamos com as imagens é diferenciada, vejamos uma outra interação:

Vejo nessa imagem uma sala de aula
Que me fez lembrar do meu tempo de escola
Criança alegre por poder estudar
As vezes nos faltava lápis e caderno
E algo para comer
Mas não faltava a professora
Todos os dias ela estava lá
Na escolinha para nos ensinar
Na batalha, lutando por algo melhor.
Para ela não existia tempo ruim
O que fazia seu coração feliz
Era ver a molecada aprendendo a ler e a escrever.
Era tanta dedicação depositada
Que quem nos viu crescer, nem acredita
Que estudamos numa escola caindo aos pedaços.
Hoje me sinto feliz e desse tempo sinto saudade
Pois trago comigo a mesma força de vontade
De ver meus alunos rompendo barreiras... (ARLINDA, 2020).

A história sendo registrada por meio da “*linguagem de imagens*” como diz Mauad (2004), percebe-se a semelhança das dificuldades enfrentadas em tempos difíceis, mas do ponto escolhido para iniciar o diálogo, a forma poética reacende a chama da esperança. As possibilidades de análises de uma ou mais imagens no campo historiográfico as colocam em posição de objeto de investigação mediante a variedade dos olhares e abordagens que a elas são direcionados. Implementando de certo modo, uma forma de tratamento onde o passado e o presente oferecem a oportunidade de a criticidade e a história local possam ser trabalhadas. De acordo com Fonseca (2009, p. 116), as pesquisas desenvolvidas sobre práticas pedagógicas no Ensino de História têm apresentado muitas maneiras de se abordar temas, por compreender que a formação de uma consciência crítica histórica dos sujeitos acontece em lugares distintos, visto que demanda uma relação com o contexto em que está inserido.

O meio no qual vivemos traz marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (FONSECA, 2009, p. 116-117).

Portanto, as imagens aqui apresentadas registraram e contam histórias que fazem tecer reflexões sobre possíveis diálogos e perspectivas para uma educação de qualidade. A imagem com seus elementos enquadrados apresenta narrativas em que histórias de vidas expressam o vínculo sobre a razão da existência desses movimentos educacionais por uma educação melhor e de qualidade para as pessoas que vivem no campo. Essas imagens não só mostraram realidades vivenciadas, mas também a precariedade que ainda segue acentuada e por vezes ignorada mediante os olhares que pouco conhecem sobre o que é de fato viver do campo. Os povos do campo vivem nessa luta constante por uma educação de qualidade, eles possuem história e sua trajetória consta nos registros imagéticos que nos levam a pensar sobre a sua dimensão política, lutas e motivações que aos poucos foram elaboradas em prol dessa bandeira. Qual seria a importância dessa modalidade de Educação? Teria ela algum significado para as populações do campo? A educação do campo é algo já materializado no cenário histórico brasileiro, muitos já foram os movimentos sociais que objetivam a transformação das condições de vida da população camponesa, aos poucos vem construindo um modelo de educação voltada para a sua realidade e interesses, dando-lhes a devida valorização dos diferentes grupos envolvidos e é por essa razão que ela se encontra em constante movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Bittencourt (2009, p. 143), “a História narra acontecimentos que necessitam ser explicados e situados”. E para explicar o ocorrido não só as letras, as sentenças, os períodos e os longos parágrafos o fazem! Presentes em quase tudo, as imagens também explicam, narram, falam de um passado, trazem para o presente fato dispostos à interpretação, à criticidade e aos mais diversificados usos. Ao tratar de algumas imagens neste artigo, quis-se postular a forma como fontes imagéticas podem ser mais bem aproveitadas para um ensino mais prazeroso e acostado às realidades dos alunos.

Procuramos evidenciar nesses escritos que toda fonte imagética é fruto dos contextos e sofre as influências do tempo, das mentalidades e está à mercê da interpretação. Toda imagem mostra que para ser melhor explorada e lida precisa que o professor seja preparado para isto. Logo, é fundamental a formação permanente dos profissionais da Educação na área da visualidade (KOSSOY, 1999.).

Acerca da Educação do Campo, aferimos que compreender a própria realidade em que os alunos e professores estão inseridos é atentar para um momento de reflexão em que se faz importante pensar sobre a própria história, entender que as situações vivenciadas dizem respeito a um momento histórico. Muitos desses momentos que foram registrados por imagens se tornaram fontes com potencial para falar sobre determinadas épocas e lugares. Elas contam histórias de uma Educação em desenvolvimento e que já sofre certas resistências.

E por essa razão este artigo quis evidenciar a importância das imagens como método de ensino também para a Educação do Campo no ensino de História. Por estarem disseminadas por toda parte, a história da educação brasileira também possui seus arquivos de fontes imagéticas e que se revelam relevantes em sua natureza documental.

Ao tomar a imagem como documento, a História serviu-se de um método de pesquisa inovador e que repercutiu também na maneira como se Ensina a História (DUBOIS, 1993). E dentro do Ensino de História, a imagem quando tomada como ferramenta pedagógica torna possível o replanejamento de uma aula dinâmica, motivada e dialogada.

Dentre as imagens escolhidas para ilustrar este artigo, estão as que expressam cenas cotidianas de cenários rurais. Logo, pensar nessas imagens que registraram a vida no campo, é dar oportunidade para os ouvirem em seus lamentos e dores, mas também em seus progressos e ensinamentos. Nesse interim, a imagem por ser de caráter pedagógico dá sua parcela colaborativa para a composição de um conjunto de reflexões adequadas para despertar olhares mais ajustados, críticos diante da realidade.

Reunir imagens e direcioná-las para uma discussão sobre o uso didático no ensino de História no contexto da Educação do Campo, nos ajudou a compreender as inúmeras naturezas das fontes para a escrita da História, ora como disciplina e área de pesquisa comungantes, ora como conhecimento do passado, mas que se reconstrói e se presentica. Ao tratarmos da imagem como recurso didático para o ensino de História tivemos a pretensão de mostrar que as discussões sobre a disciplina ministrada na Educação do Campo podem se dar a partir das fontes visuais coletadas em suas áreas de vivência porque relacionadas à sua prática. Questionar, refletir e fazer brotar discussões, pontos de vistas diferentes tendo como base as imagens é oportunizar que o aluno de História também seja visto como um agente do seu espaço de experiência de vida. Trata-se então, de verificar o que significa aprender, conhecer e pensar tendo como referência os espaços familiares, os espaços conhecidos, os territórios de identificação. O desafio é aprender a relacionar e a contextualizar as ferramentas de ensino que estão ao alcance e que oferece lições de superação e oportunidades para crescer. Para tanto, é necessário, como pontua João Batista Libanio (2001, p. 32) “trilhar um caminho que implique disciplina, responsabilidade, horas de estudo, tenacidade, vigílias e observação.”

Contudo, espera-se uma contrapartida das instituições em relação aos estímulos, às políticas públicas de fomento e incentivo à pesquisa e ao ensino, para além dos grupos que perfazem a Educação do Campo. Isto porque os professores e as instituições de ensino têm muita dificuldade em trabalhar os temas da Educação do Campo em seus currículos. As escolas optam, na maioria dos casos, por falar do assunto em datas comemorativas - como o Dia do Meio Ambiente, do Índio ou da Árvore -, ou por meio de iniciativas muito pontuais, como a famosa horta ou a coleta de lixo. Quando o tema ganha as salas de aula, faz-se apenas o que já está estabelecido, como a produção de artesanato com material reciclável nas aulas de artes, por exemplo. Ainda há uma caminhada a ser trilhada.

Ainda sobre as entrevistas que tematizou a imagem como recurso didático para as aulas de História, observamos que quando postas diante dos olhares das professoras, as imagens impactaram. Ao mostrar imagens da realidade em que professores e alunos estão inseridos, as entrevistadas relataram o nascimento da esperança em poder compartilhar os saberes do Campo para os alunos nas diversas disciplinas. Assim, a disciplina de História que trata do passado mostrou-se capaz de articular-se com as realidades do presente e compromissada com as questões atuais. O Ensino de História deixará, por consequência, de ser visto como uma aula enfadonha, surreal e que trata das coisas que não interessam mais aos alunos. Observamos ainda, a forma diferenciada como cada professora escolheu para interagir com elementos, expressando lembranças ou tentando descrever as imagens, fazendo críticas de que nada mudou.

A Figura 3 que mostra cotidiano escolar numa área rural, fez rememorar o tempo em que as atuais professoras eram alunas. Portanto, o resultado demonstrou que as imagens com seus elementos visuais podem reatualizar memórias dando ao acontecido novos sentidos e ressignificações. Portanto, olhar uma imagem fotográfica não é apenas contemplar os registros do acontecido, mas é ressignificar as lembranças, trazendo para o presente aquilo que um dia se efetivou.

REFERÊNCIAS

- ARLINDA, Professora do 5º ano do Ensino Fundamental. Atividade realizada em 10 de março de 2020. Acervo dos autores.
- BRAIT JÚNIOR, Roberto; PAIVA, Lívia Lima; SANTOS, Kátia da Silva. **Culturas e regiões do Brasil 4º e 5º anos**. 1. ed. São Paulo: Global, 2014.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSP, 2004.
- CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: Educação do campo: identidades e políticas públicas/ Edgar Jorge Kolling, Paulo Ricardo Cerioli, osfs e Roseli Salete Caldart (orgs). Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4.
- DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Vontade de saber: história: 8º ano: ensino fundamental: anos finais**. 1. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. – Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções da trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.
- KUBRUSLY, A. Cláudio. **O que é fotografia**. Brasília: Editora brasiliense, 1991.
- LEONILDE, Professora do 3º ano do Ensino Fundamental. Atividade realizada em 10 de março de 2020. Acervo dos autores.
- LIBANIO, J. B. **Introdução à vida intelectual**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MARIETA, Professora do 4º ano do Ensino Fundamental. Atividade realizada em 10 de março de 2020. Acervo dos autores.
- MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História – Interfaces. In.: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, Vol. 1, nº2, 1996.
- MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (Org). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, Comunicação e Educação**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MORAIS, Ana Meyre; TAMANINI, Paulo Augusto. **O Ensino e as imagens de violência**. Da margem ao protagonismo nos livros didáticos de História. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- MOTTA, Márcia; Zarth. (orgs.) **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960)**. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009
- MOLINA, Mônica Castagna. (org) Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. Cartas ao presidente Vargas: outra forma de luta pela terra. In: ____ **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960). – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.
- ARGAS, Jonas Moreira. Abastecendo *plantations*: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). **História**, v. 33, n.2, p. 540-566, jul/dez. São Paulo, 2014.
- WUNDER, Alik. Fotografias como exercícios de olhar. In: **29ª. Reunião Anual da ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Minas Gerais, Caxambú: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicampi, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/>
- GT16-23.

¹ Fotografia de Cezar Diniz/Pulsar imagens.

² Fotografia de Renato Soares/Pulsar Imagens. Trata-se de crianças estudando numa escola indígena em uma das aldeias dos Kuikuro (MT), no ano 2012.